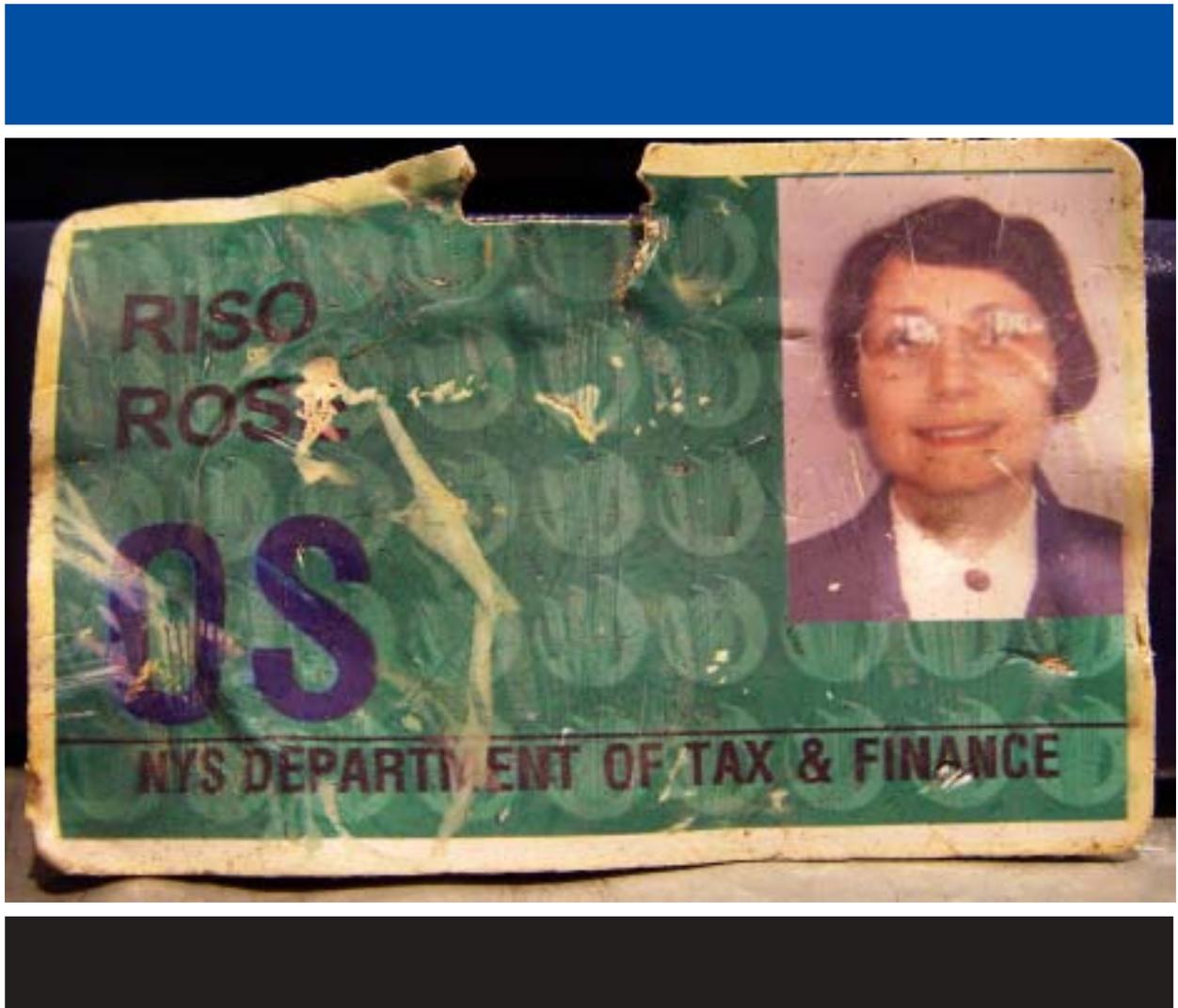


September 11

Vítimas e Heróis





Mohammad Salman Hamdani
Paquistão
4



Sankara S. Velamuri
Índia
6

Rose Riso
Itália
8



Eli Chalouh
Síria
10

Godwin Ajala
Nigéria
12



Robert Martinez
Peru/Irlanda
14

Henry Li
China
16



Dr. Taufik Kassis
Síria
18

Wilfred Amanfu
Gana
20



Jan Demczur
Polônia
22



O DIA 11 DE SETEMBRO DE 2001 criou uma nova geração de heróis para os Estados Unidos e para o mundo. Eles vieram de diversas culturas e muitos de países distantes, mas, em 11 de setembro — tenham eles perecido nos ataques ou testemunhado — todos foram vítimas e cada um foi um herói. Do Paquistão, Índia, China e Nigéria, suas histórias são notadamente as mesmas.

Seres humanos, não nacionalidades, viram estranhos necessitados e, em muitos casos, arriscaram — e deram — suas próprias vidas para salvar outra.

Os heróis mundiais de 11 de setembro falavam diferentes idiomas, mas compartilhavam uma humanidade comum.

Estas são suas histórias.

Mohammad Salman Hamdani

Paquistão



MOHAMMAD SALMAN HAMDANI nasceu em Karachi, no Paquistão, e mudou-se para os Estados Unidos quando tinha apenas treze meses de idade. Igualmente orgulhoso da sua herança muçulmana e cidadania norte-americana, Hamdani era um jovem compassivo e cordial, cujo maior desejo na vida era auxiliar os outros. E foi o que ele fez no dia 11 de setembro, muito embora isso lhe tenha custado a vida.

O dia 11 de setembro de 2001 começou como outro dia qualquer para o nova-iorquino de 23 anos de idade. Ele pegou o trem para chegar ao seu trabalho de pesquisa na Universidade Rockefeller, mas depois desapareceu. Ninguém estava certo do que havia acontecido com Salman Hamdani até seis meses mais tarde, em 20 de março de 2002, quando seus restos foram positivamente identificados no local do World Trade Center. Acredita-se que o motorista de ambulância, cadete policial e calouro de medicina tenha ouvido sobre o ataque a caminho do trabalho e imediatamente corrido para lá para

ver se poderia ajudar. “Este é ele”, diz agora sua mãe Talaat. “Ele teria ido para lá de qualquer forma, mesmo se estivesse em casa. Não importa onde estivesse, mesmo se estivéssemos na Califórnia, ele teria voado para lá para ajudar.”

Embora muito orgulhoso da sua cidadania norte-americana, Salman Hamdani, como tantos outros norte-americanos, orgulhava-se igualmente das suas raízes de imigrante. “Ele tinha muito orgulho de ser muçulmano”, afirma sua mãe Talaat. Ela conta como seu marido costumava pegar o jovem Salman e seus dois irmãos na escola toda sexta-feira à uma da tarde para que pudessem ir rezar, como exige o Islamismo. Mas, quando chegou à nona série, Salman repentinamente descobriu que tinha provas às sextas-feiras, o que não lhe permitia deixar a escola. “Ele ficou muito triste”, conta sua mãe, lembrando aquela época. “Ficava muito preocupado quando não podia rezar.” À

“Esta tragédia realmente uniu e reuniu a diversidade nos Estados Unidos.”



(No alto) Salman Hamdani era cadete do Departamento de Polícia de Nova York.

(À direita) Família Hamdani em 1987: Talaat e Saleem com os filhos Adnaan, Zeshan e Salman.

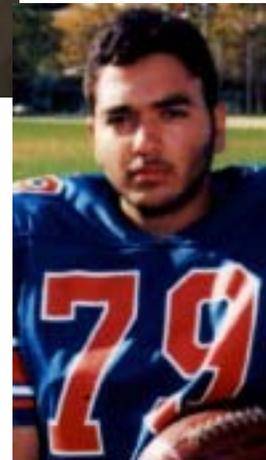
medida que Salman crescia, se orgulhava cada vez mais da sua herança muçulmana e paquistanesa. Embora tenha crescido falando inglês em casa, ao entrar na adolescência, Salman aprendeu a falar o idioma urdu dos seus pais. Também queria aprender a ler urdu, conta sua mãe, mas nunca teve tempo.

“Ele era um norte-americano comum”, diz a Sra. Hamdani. “Guerra nas Estrelas” era um dos seus filmes favoritos e a placa do seu carro era “Jovem Jedi”. Ela se lembra de quando ele se inscreveu pela primeira vez para medicina e não foi aceito. Seu pai lhe

disse que poderia ter mais sorte inscrevendo-se em faculdades no Paquistão ou no Caribe, mas Salman disse não. “Se eu me tornar médico”, disse ao pai, “será em solo norte-americano.” Perguntada por quê seu filho desejava tão ardentemente estudar nos Estados Unidos, a Sra. Hamdani respondeu:

“Ele tinha muito orgulho de ser norte-americano.” (Salman Hamdani foi aceito em seguida em uma faculdade de medicina nos EUA, mas morreu antes de poder cursá-la.) Uma coisa preocupava o jovem, porém. Nascido em solo estrangeiro, era inelegível para presidente, já que a Constituição dos EUA exi-

Hamdani considera a gentileza heróica exibida por seu filho e por muitos outros de todas as partes do mundo no dia 11 de setembro uma mensagem maior. “Essa tragédia realmente uniu e reuniu a diversidade nos Estados Unidos”, afirma. “[Aqueles que morreram em 11 de setembro] estavam todos em situação muito precária, mas o que importava para eles era que todos eram seres humanos... temos que fazer com que o mundo compreenda que todos eram seres humanos”, ela diz. “Eles são tão humanos quanto você.”



ge que o chefe do Executivo tenha nascido em solo norte-americano.

A mãe de Salman só recentemente começou a ler os diários do filho e ficou particularmente tocada por algo que ele escreveu quando tinha apenas 14 anos de idade: “Por quê as pessoas confundem gentileza e compaixão com fraqueza?” A Sra.

(No alto) os irmãos Hamdani em um casamento, em julho de 2001: (da esquerda para a direita) Zeshan, Salman e Adnaan. (No alto, à direita) Salman Hamdani em seu uniforme de futebol do primeiro grau. (À direita) funeral de Salman Hamdani em abril de 2001 em uma mesquita de Manhattan. Os presentes incluíram (da direita para a esquerda) o Comissário de Polícia de Nova York Kelly, o prefeito Bloomberg e Imam Pasha, do Departamento de Polícia de Nova York. Também estiveram presentes mil cadetes da polícia.



Sankara S. Velamuri

Índia



“ Ele nunca pensou que
fôssemos pessoas
diferentes, diferentes
nacionalidades.”

NO DIA 11 DE SETEMBRO, Sankara Velamuri telefonou para sua esposa do 86° andar do World Trade Center para dizer que estava bem e que todos estavam deixando o edifício. Mas, na verdade, o imigrante indiano ficou para trás, para cuidar de Dianne Gladstone e Yeshavant Tembe, dois amigos e colegas de trabalho seriamente feridos. Aquele ato de gentileza custou sua vida.

O desprendimento de Velamuri não foi surpresa para quem o conheceu. “Ele tinha natureza divina”, afirma sua esposa Vasanta. “Ajudava tantas pessoas, não importava de que forma.” Ele sempre lhe dizia: “Faça o bem aos outros. Se eles precisarem, você deve ir e fazê-lo. Deus dará a ajuda.” A Sra. Velamuri lembra como seu marido “sempre acolheu muitas famílias no

Sankara Velamuri com sua esposa Vasanta.



seu apartamento” que estavam sem sorte. “Negros, brancos, indianos... se estivessem sem emprego, se ele os encontrasse.” Ela se lembra de um homem que seu marido abrigou por seis meses no seu apartamento. “Ele o encontrou na estação de trem e disse ‘venha ao meu apartamento e não se preocupe’. Ele nunca pensou que fôssemos pessoas diferentes, de diferentes nacionalidades.”

“Eles sentem muito sua falta porque ele nunca se comportou como supervisor”, afirma sua esposa Vasanta sobre os colegas de trabalho do marido. “Ele se comportava como um ser humano.” Após a morte do marido, a grande quantidade de carinho e apoio que ela recebeu dos seus colegas revelou muito sobre ele. “Eu não conhecia nenhum deles”, diz ela. “São muito especiais, profissionais. Depois disso, eles me telefonavam, ele era como um membro da família. Se envolvia em seus problemas pessoais. Podia entender as pessoas, o que elas estavam passando. Ele sempre gostou de estender a mão para ajudar outras pessoas; costumava tratar os outros como membros da família e, por fim, no seu último suspiro, sacrificou sua vida.”

Desde aquele momento, a Sra. Velamuri aprendeu também algo sobre os Estados Unidos. “Amo este país porque, quando necessitamos

de auxílio, eles se tornam humanos”, afirma ela agora em resposta ao apoio que recebeu após a morte do marido. “Às vezes somos imigrantes e sentimos que somos indianos e ninguém se importa, mas isso não é verdade. No seu íntimo, [os norte-americanos] estão dispo-



(À esquerda) Sankara Velamuri em um piquenique do escritório. (Embaixo) Sankara Velamuri com oito anos de idade, na Índia.

tos a auxiliar e apoiar todos os aspectos da vida, qualquer coisa de que necessitamos, é o que estou compreendendo... A natureza humana é a mesma, não importa se negros ou brancos, todos somos iguais. Não importa de que nação você vem, estamos aqui como irmãos e irmãs. Deus, este é um grande país.” ✨



Rose Riso

Itália



NO DIA 11 DE SETEMBRO, Rose Riso foi heroína e vítima. Filha de um imigrante italiano, a Sra. Riso era o que os nova-iorquinos chamam de “uma pessoa durona”; ou seja, ela era extremamente determinada e sempre mantinha sua compostura, mesmo sob pressão. Felizmente para seus colegas de trabalho no 86º andar da torre sul do World Trade Center, a responsabilidade da Sra. Riso com o seu trabalho como coordenadora de incêndio do escritório foi responsável pelo salvamento de dezenas, se não centenas de vidas no dia 11 de setembro.

Diane Fattah é uma das diversas colegas de trabalho cujo salvamento no dia 11 de setembro é atribuído a Rose Riso. O vôo 11 da American Airlines havia acabado de chocar-se contra a torre norte e a Sra. Fattah, trabalhando na torre sul naquele momento, não estava certa do que fazer. “Estava separando minhas pastas”, afirma ela

sobre os momentos após a explosão na torre ao lado. Como muitas pessoas no World Trade Center naquele dia, a Sra. Fattah e seus colegas de trabalho não entenderam a plena gravidade do perigo que enfrentavam. “Não vi o perigo, não tive idéia da magnitude”, afirmou. Mas Rose Riso viu e entrou em ação. “Rose disse-me, literalmente, ‘saia, saia já, pare com isso’”, conta a Sra. Fattah. “Quando treinávamos simulação de incêndios, ela colocava o boné vermelho e pegava o apito. Eu ia justamente brincar com ela naquele dia e dizer ‘onde está o seu chapéu e o apito?’ E não tive chance porque ela estava gritando comigo para que saísse. Ela nos disse para largar o telefone, não ligar para ninguém, sair, fazer as ligações no térreo... Foram apenas 35 segundos [entre sua entrada no elevador e a colisão do segundo avião] e isso fez a diferença entre a minha vida e a morte. Se ela não estivesse ali, eu não teria tido tempo.”

“ Eu não posso substituí-la. Não sou Rose. ”

(Acima) o crachá de Rose Riso, encontrado nas ruínas do World Trade Center. (À direita) Rose Riso com sua colega de trabalho Mary Jos, que ficou seriamente queimada em 11 de setembro, mas sobreviveu. (Na extrema direita) os gatos de Rose Riso, Timmy e Ricky.



Segundo a colega de trabalho Diane Fattah, Rose Riso era firme, mas tinha um lado suave. “Ela era prestativa de todas as formas, mas era, você sabe, durona”, afirma a Sra. Fattah. “Mas, no fundo, não era. Se eu lhe pedisse qualquer coisa, ela atendia imediatamente. Se eu queria alguma coisa, já estava feita. E se ela não soubesse a resposta para uma pergunta, com certeza, corria atrás. [Era] uma pessoa direta, não usava meias palavras. Um pouco dura mas, depois de conhecê-la, ela realmente não o era.” A Sra. Fattah conta que, embora a Sra. Riso não fosse casada e

não tivesse filhos, ela amava seus dois gatos, Timmy e Ricky, como uma família. “Ela tinha dois gatos que amava como se fossem seus filhos”, afirma. “Não gosto de animais, mas sabia que ela os adorava e eu perguntava sobre os gatos e ela me contava tudo sobre eles. Eu sabia que aquilo era o que lhe interessava.”

O irmão de Rose Riso, Peter, está inconsolável com a perda da irmã. “Ela era o arrimo da família”, afirma ela. “A que foi para a faculdade e se formou. Era capaz de cuidar dos assuntos da família.” A Sra. Riso era também uma mulher muito inteligente, segundo seu irmão e colegas de trabalho. Diane Fattah se lembra, com um sorriso, de como Rose Riso sempre lhe dizia algo espirituoso pela manhã e ela mesma planejava todo o dia chegar igual-

mente espirituosa. Mas, o mais importante, Rose Riso era alguém que se preocupava mais com os outros que consigo mesma. “Pode-se perguntar por quê Rose não saiu



se ela tinha sido tão inflexível sobre a urgência de deixar imediatamente o prédio”, afirma a Sra. Fattah. “Se você a conhecesse bem, saberia a resposta para esta pergunta. Ela assumiu a função de coordenadora de incêndio como importante responsabilidade. E, enquanto houvesse colegas de trabalho no escritório, ela não os abandonaria.” E foi o que fez.

Rose Riso amava seu emprego no World Trade Center. “Ela gostava do prestígio do Trade Center”, conta seu irmão Peter. “É como dizer que você trabalha na Casa Branca. Realmente algo especial.” Hoje, Peter Riso ainda não aceita a morte da irmã, embora compreenda que, mais cedo ou mais tarde, deve aceitar sua sina. O Sr. Riso conta que, depois de 11 de setembro, “minha mãe me disse ‘vá e encontre Rose’.” Desde aquele dia, ele vem tentando fazer ainda sem sucesso. Os restos da Sra. Riso ainda não foram encontrados e tudo o que Peter Riso tem da irmã é seu crachá de identificação, descoberto nas ruínas do World Trade Center, surpreendentemente intacto. Atualmente ele tenta continuar sua vida de açougueiro no Upper East Side de Nova York, mas não é fácil. “Não posso substituí-la”, diz ele sobre a irmã. Não sou Rose.”



(No alto) O irmão de Rose Riso, Peter, segurando seu crachá de trabalho. (Acima) A jovem Rose Riso com seus pais e irmão (alto), na sua formatura do primeiro grau (abaixo, à esquerda) e em uma reunião de 60 famílias da mesma vila na Sicília que emigraram para os Estados Unidos (abaixo, à direita).

Eli Chalouh

Síria



ELI CHALOUH está desaparecido desde 11 de setembro de 2001. O imigrante sírio de 23 anos de idade saiu de casa no início daquela manhã rumo ao novo emprego no 86º andar do World Trade Center (ele havia começado a trabalhar ali apenas seis semanas antes) e nunca mais se soube dele desde então. Nem seu corpo foi encontrado. Seu pai, Youssef, ainda tem esperança de que seu filho não estivesse nas torres gêmeas naquele dia, mas outros lamentam a perda de um amigo chegado.

Os dois melhores amigos de Eli

Chalouh no escritório simplesmente não podem dizer o bastante sobre seu jovem colega de trabalho. “Considerava-o meu próprio filho, pois tenho um filho da sua idade”, afirma Baher Shaarawy, muçulmano egípcio que imigrou para os EUA e cujo filho é agora um sargento da artilharia da Marinha dos Estados Unidos. “Ele era um rapaz muito brilhante.”

“Eli era um jovem encantador”, afirma seu amigo Joseph Brotos, que também é originário do Egito, de família cristã. “Ele era cheio de vida, cheio de futuro. Você olhava para ele sempre com aquele belo sorriso no rosto. Ele chegava de manhã e dizia “bom dia” e você achava que aquele dia seria melhor porque aquele belo jovem estava no escritório. Ele sempre ajudava a todos sem perguntar. Você sentia que o futuro era ele. Ele estava sempre sorrindo, sempre cheio de vida, esperando um

“Somos todos seres humanos, todos filhos de Deus.”

*(No Alto) Eli Chalouh no seu Bar Mitzvah.
(À direita) amigos de Eli Chalouh, Joseph Brotos (esquerda) e Baher Shaarawy (direita).*





futuro melhor para todos; tinha um coração de ouro.

“Era uma pessoa especial, ele realmente era único. Sentimos a grande perda de todos os nossos colegas de trabalho, mas especialmente dele. Porque com é como perder um filho ou um irmão mais novo. Os demais, amamos profundamente, mas ele era muito especial para todos nós.”

Baher Shaarawy, Joseph Botros e Eli Chalouh sempre costumavam brincar com o fato de que, apesar de suas diferentes religiões, eram bons amigos. Todas as manhãs, o Sr. Chalouh saudava seus amigos egípcios pelos nomes Hassan e Murqos, em alusão a uma conhecida comédia egípcia intitulada “Hassan, Murqos e Cohen”, que ilustra a camaradagem entre três amigos íntimos: um muçulmano, um cristão e um judeu.

O Sr. Shaarawy e o Sr. Botros afirmam que sua forte amizade com Eli Chalouh era apenas natural. “Ser humano é ser humano”, afirma o Sr. Botros. “Não nos preocupamos com a religião ou de que país você vem.” O Sr. Shaarawy concorda. “Consideramo-nos muito afortunados por estarmos nos EUA pois, estando aqui, eles nos

dão a chance de termos a mente aberta e amar a todos, cristãos, judeus, muçulmanos e de outras religiões. Somos todos seres humanos, todos filhos de Deus.”

Embora Eli Chalouh sempre gostasse de fazer brincadeiras com

os amigos, também tinha seu lado sério. Seus amigos e familiares consideravam-no um trabalhador sério, impulsionado por incrível desejo e capacidade de realização. Seu irmão Victor lembra como Eli trabalhava em turno de oito horas como auxiliar de armazém e ia para a escola noturna das cinco às dez horas, retornando finalmente para casa, para mais horas de estudo. E o trabalho compensou. Eli Chalouh recentemente formou-se na Universidade de Long Island em contabilidade com louvor. “Ele era um menino muito persistente”, afirma seu irmão. “Sabia seu objetivo na vida. Ele tentava usar todos os minutos da sua vida. E atingiu alguma coisa. “Sentimos muito sua falta. O que se pode fazer?”



(No alto) diversas fotos de Eli Chalouh com amigos e colegas de estudo. (Acima, da direita para a esquerda) Os irmãos de Eli Chalouh, Victor e Rafi, e seu pai, Youssef.

Godwin Ajala

Nigéria

“ Quando isso aconteceu, ele tinha todas as chances de correr, mas entrou para ajudar as pessoas a saírem.”



(Acima) Godwin Ajala, ex-segurança no World Trade Center

GODWIN AJALA não estava no World Trade Center no momento do ataque, ainda assim, morreu como herói naquele dia. O imigrante nigeriano de 33 anos de idade estava patrulhando a área externa das Torres Gêmeas no dia 11 de setembro mas, assim que viu a explosão do primeiro avião, correu para dentro, para ver se poderia ajudar, e desapareceu quando as torres caíram. Após procurá-lo em vão por três dias, seu melhor amigo Christopher Iwuanyanwu recebeu uma ligação do hospital em 14 de setembro: o Sr. Ajala estava vivo, disse-lhe a enfermeira, mas em coma. Vinte e quatro horas depois, ele estava morto.

“Godwin era um bom rapaz”, afirma Christopher Iwuanyanwu, que o conheceu nos últimos quatro anos. “Ele era muito cuidadoso, obediente e trabalha muito. Trabalhávamos de mãos dadas como irmãos. Dividíamos as coisas. Considerava-o como um irmão.” Os dois homens trabalhavam como seguranças no World Trade Center, mas seus turnos se sobrepunham, de forma que o Sr. Iwuanyanwu estava indo para casa — e o Sr. Ajala já estava patrulhando a área externa do Trade Center — no momento da primeira colisão. Em vez de correr e salvar a própria vida, o Sr. Ajala entrou no edifício. “Quando aconteceu, ele tinha todas as



chances de correr, afirma o Sr. Iwuanyanwu sobre o amigo. “Mas entrou para ajudar as pessoas a saírem. As últimas pessoas que o viram lhe perguntaram: ‘Por que você está aqui? Por que você está aqui?’ E ele lhes respondeu: ‘Por que estão correndo, por que não ajudam as pessoas a saírem?’”

Como muitos imigrantes, Godwin Ajala veio para os Estados Unidos para sustentar sua família em casa, na Nigéria, onde tinha esposa e três crianças pequenas. Era advogado na Nigéria e estudava para ser aprovado no exame da Ordem dos Advogados dos EUA. “Sua única ambição era tornar-se advogado nos EUA”, afirma seu amigo

Christopher Iwuanyanwu. O Sr. Ajala passava grande parte do seu tempo livre lendo ou estudando. O Sr. Ajala planejava passar no exame da ordem, trazer sua família para o juramento como advogado e pleitear a cidadania norte-americana este ano.

Christopher Iwuanyanwu afirma que Godwin Ajala era alguém com quem sempre se podia contar. “Ele era gentil, cuidadoso e odiava fraudes”, conta seu amigo. “Era alguém que defendia a verdade. É por isso que muitos dos

nossos amigos estavam todos chorando, indignados com a forma como ele morreu, porque era alguém que não defendia nada errado e estava sempre dizendo a verdade.” O Sr. Iwuanyanwu continuou explicando que seu amigo nem deveria estar no Trade Center no dia em que se feriu. “Godwin viajava à Nigéria todo dia 10 de setembro”, afirma o Sr. Iwuanyanwu. “Ele planejava partir no dia 10 de setembro, mas estava sem dinheiro. Então resolveu trabalhar até o final de setembro e depois ir para casa. Ele não sabia que algo assim iria acontecer.”



(No alto) Christopher Iwuanyanwu observando fotos do amigo que perdeu, Godwin. (Acima à direita) Godwin Ajala na sua formatura na Faculdade de Direito na Nigéria. (À direita) Godwin Ajala estudando na casa de um amigo.



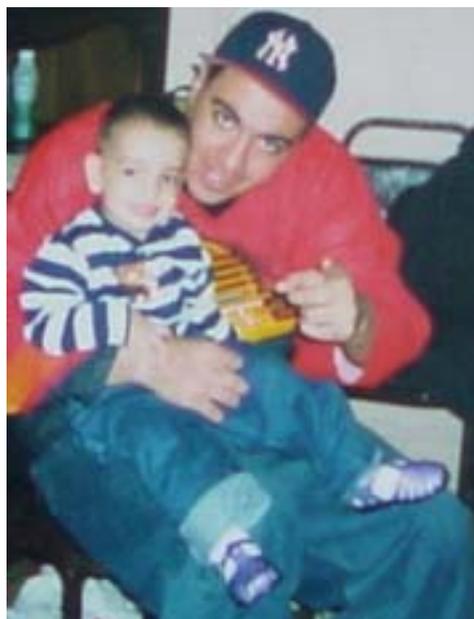
Robert Martinez

Peru/Irlanda



ROBERT MARTINEZ nasceu em Boston em 1978, filho de pai peruano e mãe irlandesa. Mas no dia 11 de setembro de 2001, ele era um verdadeiro nova-iorquino, tornando-se vítima e herói naquele dia. Robert trabalhou na segurança do World Trade Center por dois anos. Seu pai, Gabriel, conta que, depois que os aviões atingiram as Torres Gêmeas, “mandaram que Robert saísse. Ele concordou, mas voltou para ajudar mais pessoas e os prédios entraram em colapso.” O jovem amigável e trabalhador de 23 anos morreu naquele dia e foi sepultado em 15 de abril de 2002. Ele deixa seus pais, a noiva, Lisa, e um filho de cinco anos, Jonathan.

“O Sr. Martinez ainda não consegue visitar o local onde ficava o World Trade Center... a memória ainda é muito recente.”



*(No alto) O aviso de “desaparecido” que a família de Robert Martinez afixou por toda a cidade de Nova York.
(À direita) Robert Martinez e seu filho Jonathan.*



O pai de Robert, Gabriel, lembra que, na última vez em que viu seu filho, no dia 10 de setembro de 2001, Robert foi jogar basquete com os amigos e depois visitou os pais na sua casa em Astoria, Queens — como fazia quase todos os dias após o trabalho. Aquela visita foi como todas as outras, conta seu pai. Robert ficou por algum tempo e, por volta das seis horas, despediu-se pela última vez. Seu pai não consegue visitar o local onde ficava o World Trade Center, nem consegue fazer visitas a Manhattan. A memória ainda é muito recente.

No canto do seu pequeno apartamento em Astoria, Queens, os pais de Robert Martinez mantêm um altar para o filho. O altar inclui

uma série de fotos de Robert, uma das Torres Gêmeas, diversas imagens religiosas, uma vela de oferenda, uma miniatura da Estátua da Liberdade e um buquê de flores. O altar também contém uma pequena bandeira emoldurada, acompanhada por uma placa que indica que ela viajou no ônibus espacial Endeavour e foi dada aos pais de Robert

pela Administração Nacional de Espaço e Aeronáutica (NASA) dos Estados Unidos “em reconhecimento aos sacrifícios feitos.” Abaixo do altar, os Martinez guardam os brinquedos do filho único de Robert, Jonathan, de cinco anos de idade. Entre os brinquedos: um avião, uma ambulância, um carro de polícia, três bonecos do Homem Aranha e três caminhões de bombeiros.

Os planos de Gabriel Martinez para seu filho Robert fazem agora parte do passado. Ele esperava que algum dia Robert visitasse o Peru, onde nasceu o Sr. Martinez. Robert também tinha planejado mudar de profissão e estudar informática, mas isso agora nunca irá acontecer. E Robert e sua noiva Lisa tinham planejado casar-se algum dia, mas ainda não haviam definido a data. ✎



(No alto) altar mantido pela família Martinez pelo seu filho perdido, Robert. (À direita) Robert Martinez mais jovem em uma festa de aniversário (à esquerda com chapéu branco alto) e seu filho Jonathan brinca com seus avós (direita).

Henry Li

China



“Pessoas
consolando-se
mutuamente.”

QUANDO HENRY LI chegou ao seu escritório no 86º andar do World Trade Center 2 em 11 de setembro de 2001, ele não tinha idéia de que, em uma hora, estaria salvando a vida de uma colega de trabalho. O imigrante de Hong Kong de 52 anos de idade lembra-se de que era um dia particularmente bonito enquanto ligava seu computador e saía para falar com seu supervisor. Subitamente, ouviu um ruído alto logo acima das escadas (um estouro como uma bomba) e viu uma bola de fogo do lado de fora da janela. Logo em seguida, Rose Riso, colega de trabalho que era também a coordenadora de incêndio do andar, ordenou a todos que saíssem caso a fumaça da explosão entrasse no prédio.

“Estávamos todos muito calmos, não em estado de pânico”, lembra o Sr. Li. “Isso nunca havia acontecido antes. Esse era o edifício ao lado, não nos afetaria tão rapidamente”, lembra ele de ter pensado na hora. Ninguém sabia que, em quinze minutos, o próximo avião atingiria também o seu prédio, aprisionando efetivamente todos os remanescentes. Para piorar, surgiu um anúncio nos alto-falantes ordenando a todos que voltassem para suas mesas. Ele lembra os dizeres do anúncio: “O prédio está seguro”. “Temos informações de que um avião atingiu o outro edifício. Este prédio está seguro. Favor voltar para o seu local de trabalho e aguardar novas instruções.” O Sr. Li achou que o anúncio não fez nenhum sentido e, por isso, pegou um elevador para o térreo, para ver o que estava acontecendo. “Pouco antes da porta se fechar, algumas pessoas entraram”, afirma ele. “Estes foram os felizardos.” Ninguém sabia que seria o último elevador a deixar aquele andar antes do choque do segundo avião, aprisionando os restantes. ☹

*(No alto) Henry Li a frente da
bandeira dos EUA.*

Quando ele chegou ao térreo, havia escombros por toda parte. O Sr. Li viu sua colega de trabalho Diane Fattah. “Ela não sabia o que fazer”, afirma ele. “Então caminhamos juntos.” Foi quando houve o choque do segundo avião. “Como se uma bomba atingisse o alto de nossas cabeças, o segundo avião atingiu o nosso prédio”, conta. “Uma grande explosão acima de nossas cabeças. Então eu vi Diane, agarrei-a e simplesmente corri. Eu corri.” A Sra. Fattah



atribui a Henry Li a ajuda para salvar sua vida naquele dia. “Eu estava assustada, Henry viu isso no meu rosto e tomou minha mão”, afirma ela. “Se ele não tivesse segurado minha mão, eu poderia ter sido atingida por escombros ou outra coisa, ou talvez não tivesse saído.”

Mas Henry Li não foi a única mão amiga naquele dia. Muitas das pessoas nas Torres Gêmeas e nas ruas abaixo fizeram o que podiam para auxiliar estranhos necessitados. “Algo que descobri foi que as pessoas são muito prestativas entre si”, afirma o Sr. Li sobre aquele dia. “Oferecendo garrafas de água, banheiros, trazendo cadeiras. Pessoas consolando-se mutuamente.” ☺

(No alto) Diane Fattah, que sobreviveu ao ataque de 11 de setembro com a ajuda de seus colegas, inclusive a de Henri Li. (Abaixo) Henry Li and Diane Fattah.



Dr. Taufik Kassis

Síria



“Se eles queriam provar algo, Deus deu-nos cérebro e língua para nos comunicarmos e provarmos nossa opinião se a tivermos, mas não em um ato criminoso.”

QUANDO O DR. TAUFIK KASSIS chegou da Síria para os Estados Unidos em 1998, nunca pensara em desempenhar papel fundamental no tratamento das vítimas do maior ataque terrorista da história dos Estados Unidos. O Dr. Kassis afirma agora que fez somente o que qualquer outra pessoa teria feito no seu lugar, mas muitos consideram o jovem médico do Oriente Médio um herói de 11 de setembro.

“Estava fazendo minha residência no Centro Médico da Cidade de Jersey, situada do outro lado do rio em relação ao World Trade Center”, afirma agora o Dr. Kassis. “Fomos informados que estávamos por receber algumas vítimas das torres. A balsa, que normalmente levava turistas para passear, estava transportando apenas vítimas para o nosso hospital.” O Dr. Kassis diz que todos os funcionários do hospital permaneceram para turnos extraordinários, a fim de tratar as várias centenas de vítimas que receberam e que ele próprio fez um pouco de trabalho extra, mesmo depois do seu horário de ir para casa à noite. “Mesmo depois que fui para casa, voltei por volta das onze horas da noite. Quis apenas verificar se havia mais alguém [ferido].” Mas, às dez horas da

noite, simplesmente não havia mais sobreviventes. “Ficamos desapontados quando paramos de receber vítimas... achávamos que poderíamos estar trabalhando toda a noite ajudando as vítimas e, quando o número começou a cair mais e mais, compreendemos que provavelmente não havia mais sobreviventes.”

Muitos agora consideram o Dr. Kassis um herói; o que ele considera lisonjeiro, mas não necessariamente apropriado. “Claro que fico feliz em ouvir isso. Mas acho que é minha obrigação, um prazer”, afirma o Dr. Kassis. “Primeiramente, sendo médico, acho que é nossa obrigação. Em segundo lugar, apenas pensando como foi desumano o que aconteceu, acho que eu poderia estar naquela torre naquele momento. Nunca visitei as torres, estava planejando visitá-las um dia, provavelmente poderia ter acontecido em um dia em que estivesse ali visitando com minha família. Apenas vendo que visitantes, pessoas honestas, que nada tinham a ver com política ou com nada, morreram e foram afetadas, isso foi horrível demais. Quem quer que o tenha feito era muito desumano e estúpido. Se

eles queriam provar algo, Deus deu-nos cérebro e língua para que nos comunicássemos e provássemos nosso ponto de vista, mas não em um ato criminoso. Isso foi muito revoltante para mim.”

O Dr. Kassis também atribui às suas origens no Oriente Médio a instilação dos valores que fizeram com que ele quisesse ajudar naquele dia. “Se você for visitar qualquer país do Oriente Médio como norte-americano, você se surpreenderá como as pessoas tentarão ajudá-lo na rua”, afirma ele. “Você ficará surpreso, realmente, se andar ali e tiver uma pergunta, estiver perdido ou necessitar de qualquer coisa, as pessoas simplesmente o guiarão e ajudarão.” Ele prossegue dizendo que foi “criado em uma cultura de respeito à humanidade em comum. Respeitar especialmente o país onde você vive, independentemente de ser ou não cidadão. Fomos criados para cuidar dos outros.” E, no dia 11 de setembro, cuidar de outros que ele nem conhecia foi exatamente o que fez o Dr. Kassis. ✪

Wilfred Amanfu

Gana



“ Eu realmente vi pessoas caindo do primeiro edifício.”

NO DIA 11 DE SETEMBRO, Wilfred Amanfu perdeu um de seus melhores amigos, colega de trabalho e também imigrante de Gana, de nome Japhret Aryee. Aryee era uma estrela das pistas em Gana que veio para os Estados Unidos estudar contabilidade e decidiu ficar. Ainda assim, apesar de perder um amigo tão próximo naquele dia, o nível de consciência do Sr. Amanfu frente ao perigo salvou sua própria vida e as de incontáveis estrangeiros.

O Sr. Amanfu lembra que, naquela manhã, “estava andando direto para a mesa do meu chefe, que ficava próxima à janela”, conta. “No momento em que disse ‘bom dia’, antes mesmo dele responder, ouvimos uma explosão, depois vimos aquela grande bola de fogo lá fora.

O fogo como que disparou em direção ao nosso prédio, que oscilou para frente e para trás. Na hora, caí no chão, levantei-me, olhei para fora e vi um grande buraco no prédio, prédio 1. Todos os que estavam olhando para fora disseram que era uma bomba. Naquele momento, tudo o que eu sabia era que devia sair dali e comecei a caminhar para fora.”

Foi quando ele viu Margarita Mahil, colega de trabalho oriunda da República Dominicana. “Como Margarita era nova [no emprego], não sabia o que fazer. Então gritei para ela: ‘saia daqui’ e ela me seguiu”, conta. Inicialmente, a Sta. Mahil seguiu o conselho do amigo Wilfred e começou a deixar o prédio pela escada. Mas então ouviu um anúncio dizendo que tudo estava bem e que todos deveriam retornar aos



(No alto) Wilfred Amanfu em frente a uma placa em homenagem aos seus 40 colegas mortos nos ataques de 11 de setembro. (À direita) Margarita Mahil atribui a Wilfred Amanfu ter se salvado em 11 de setembro.

seus escritórios. Ela então tentou fazer isso. Foi quando houve a colisão do segundo avião e felizmente ela não conseguiu retornar ao seu andar. “Se Wilfred não me dissesse para sair, eu estaria sentada com todos [no 86º andar] na hora da colisão do segundo avião”, que a aprisionaria naquele andar até que o edifício entrasse em colapso.

Mas Margarita Mahil não foi a única pessoa que Wilfred Amanfu ajudou naquele dia. O Sr. Amanfu estava no 66º andar, descendo as escadas, quando o edifício foi atingido pelo segundo avião. “De repente, ouvimos novamente uma explosão”, afirma. Por alguma razão, não tive medo, não entrei em pânico e comecei a controlar as pessoas para que permanecessem nas escadas”. O Sr. Amanfu conta que ele continuou a persuadir seus colegas, “continuem, não parem, continuem, não



parem, continuem”. Ele diz que levou 45 minutos para sair do edifício e, pouco depois, o prédio ruiu. “Fui um dos felizardos”, diz.

Mas como Wilfred Amanfu sabia que devia deixar o prédio, mesmo quando as autoridades afirmavam que tudo estava bem? “Vi o fogo, a primeira explosão”, fala Wilfred. “Eu realmente vi pessoas caindo do primeiro edifício. Para mim, aquilo foi suficiente para dizer que algo estava acontecendo. E, novamente afirmo, creio em Deus. Foi intuição e Deus falando comigo, dizendo ‘Wilfred, saia.’”



(No alto) Wilfred Amanfu em seu novo escritório temporário em Manhattan. (À esquerda) Wilfred Amanfu e Margarita Mahil, a mulher cuja vida ele salvou em 11 de setembro.

Jan Demczur

Polônia



“ Por que eles atacaram o World Trade Center com civis trabalhando?”

O PENSAMENTO RÁPIDO e a perseverança de Jan Demczur salvaram não apenas sua vida no dia 11 de setembro, mas também a de muitos homens que ele nem conhecia. O Sr. Demczur veio da Polônia para os Estados Unidos em 1980 e, desde 1991, trabalhava como limpador de janelas no World Trade Center. Ele se lembra de tomar o elevador até o 44º andar da torre norte na manhã de 11 de setembro, quando subitamente algo saiu errado. “O elevador subiu e, alguns segundos depois, nem mesmo um minuto, começou a descer, caindo vários andares”, conta agora o Sr. Demczur. “Entreolhamo-nos como se houvesse algo errado.” (Na verdade, o Voo 11 da American Airlines acabara de atingir seu prédio.) O Sr. Demczur diz que tentou acionar o botão de parada de emergência, o intercomunicador, nada funcionava. O elevador sacudiu com força para os lados. Uma voz surgiu no intercomunicador dizendo que havia um problema no 91º andar e então as coisas decididamente pioraram.

“Vi fumaça saindo do fundo [do elevador]”, conta Jan Demczur. “Seu coração começa a bater mais rápido. Não sabíamos se alguém estava vindo ajudar. O intercomunicador começou a falhar. Ele não nos ouvia. Não havia mais voz. Simplesmente entreolhamo-nos e perguntávamos o que fazer, a fumaça estava vindo e tínhamos que fazer algo.” Um homem esmurrou o teto e nada. Dois deles abriram à força a porta do elevador e começaram a chutar a parede, sem resultados. Mais fumaça estava agora entrando e o ar estava esquentando.

Os homens sabiam que tinham que quebrar a parede, mas ninguém tinha uma faca ou outra ferramenta. Foi quando o Sr. Demczur lembrou-se do seu limpador. Ele tirou o cabo e começou a arranhar a parede. “Ele continuou trabalhando com seu limpador”, contou Alfred Smith, um dos ocupantes do elevador. “Era como se ele fosse talhado para isso...

como se tivesse força de vontade para tirar-nos dali.” Os quatro homens fizeram turnos e finalmente escavaram o suficiente para que pudessem chutar através da parede para um banheiro do 50º andar. Os homens então escaparam do edifício apenas cinco minutos antes dele se despedaçar no chão.

O Sr. Demczur acabara de se sentar no meio fio para registrar o que havia acontecido quando a segunda torre começou a cair. “Olhei para trás e vi antenas caindo e a torre começou a ruir”, afirma. “Neste ponto, assustei-me. Pensei: ‘vou morrer aqui agora, pois a torre é muito alta e estou muito perto. Não sei para que lado a torre vai cair’, mas quando vi a antena caindo em minha direção, disse: ‘Meu Deus, estou morrendo aqui.’ Comecei a andar mais rápido, corri mais rápido, corri talvez três quadras. E sempre mantive meus olhos para trás dos meus ombros para ver para onde o prédio estava caindo. E vi que ele não ia para lugar nenhum, estava apenas deslizando para baixo, andar por andar. Apenas ouvi o banguê, banguê, banguê.”

“Nesse momento, eu tremia. Depois a dor. Estava apenas rezando a Deus, obrigado, meu Deus, o Senhor me ajudou a sair, o Senhor manteve o edifício por mais tempo para que eu saísse do prédio.’ Mas muitas pessoas não conseguiram e eu estava preocupado com as pessoas. Quando soube que muitas pessoas escaparam mas não todos, eu disse: bem, o que está acontecendo, quem fez isso, por que motivo, por que eles atacaram o World Trade Center com civis trabalhando?”



NO DIA 11 DE SETEMBRO, MUITO POUCOS daqueles que trabalhavam no escritório da Receita Estadual de Nova York no 86º andar do World Trade Center sabiam da seriedade real da situação. Um avião havia atingido a torre próxima a eles, mas as autoridades haviam anunciado que tudo estava normal e que todos deveriam retornar às suas mesas. Graças a uma série de heróis — especialmente Rose Riso, coordenadora de incêndio do escritório— muitos dos funcionários ignoraram o anúncio e começaram a evacuação. Esta decisão provavelmente salvou suas vidas pois, em alguns minutos, um segundo avião atingiu seu edifício, aprisionando os trabalhadores restantes no 86º andar. A Receita Estadual perdeu quarenta pessoas nos ataques de 11 de setembro. Seus colegas de trabalho continuam a homenageá-los até hoje.

Eles são apenas uma amostra das histórias das vítimas de 11 de setembro. Estima-se que 2.830 pes-

soas tenham morrido ou estão desaparecidas em consequência do ataque ao World Trade Center. Noventa e oito por cento dessas vítimas estavam trabalhando e o mais jovem tinha apenas dois anos e meio de idade. Um em cada seis (494) são comprovadamente estrangeiros ou norte-americanos com dupla cidadania, provenientes de 91 países. No ataque ao Pentágono, houve 189 mortos e, em um campo na Pensilvânia, outros 45 morreram quando seu avião caiu em terra devido aos esforços de um pequeno grupo de heróis.

Quer estivessem em Nova York, na Virgínia ou na Pensilvânia, as vítimas e os heróis de 11 de setembro representaram a diversidade que são os Estados Unidos e o mundo. Sentiremos a falta de todos. Nenhum será esquecido. ✪

(À esquerda) Uma publicação homenageando os 40 funcionários da Receita Estadual de Nova York mortos nos ataques de 11 de setembro.

Fotos por John Aravosis exceto as seguintes: páginas 4-5, cortesia da família Hamdani; 6-7, cortesia da família Velamuri; 8, embaixo à direita e à esquerda, cortesia da família Riso; 9, embaixo, cortesia da família Riso; 10, no alto, cortesia da família Chalouh; 12, cortesia da família Ajala; 13, centro e embaixo, cortesia da família Ajala; 14, embaixo, cortesia da família Martinez; 15, embaixo, cortesia da família Martinez; 18, cortesia do Service Employees International Union; 22, cortesia do Service Employees International Union.



Uma publicação dos Estados Unidos da América